

CRIANÇA, ESTÉTICA E LINGUAGEM: POSSIBILIDADES PARA FORMAÇÕES

Vilmar Martins
Kainara Ferreira de Souza

RESUMO

Na busca de outras possibilidades formativas este trabalho ensaia uma leitura estética pedagógica da animação *O menino e o mundo* de Alê Abreu, sua trilha sonora *Aos olhos de uma criança* de Emicida e a terceira transmutação do espírito narrada no *Zaratustra* de Nietzsche. Genealogicamente fazemos uso do que o filósofo do martelo defende como interpretação, observamos no menino do filme a criança de Nietzsche, ou seja, inocência, novo começo, jogo, roda a girar por si mesma, primeiro movimento e sagrado dizer sim. A partir deste movimento interpretativo nos perguntamos: Que possibilidades pedagógicas se abrem ao observamos o mundo com o olhar de uma criança? Uma educação estética ainda encontra lugar em nossos espaços formativos? Instigados por essas provocações nos propusemos a experimentar junto com outros professores da rede municipal de Balneário Camboriú uma outra proposta pedagógica que fugisse do gregarismo e da fixação. Atravessados pelos sentidos que a perspectiva da criança nos moveu, este trabalho ainda segue refletindo a formação humana inserida no devir existencial como possibilidade para sair dos lugares comuns e ensaiarmos, ou, até mesmo experimentarmos, outras linguagens, outros métodos, outras aproximações para assim abriremos outras perspectivas.

Palavras-chave: Criança. Metáfora. Formação.

ABSTRACT

In the search for other formative possibilities this work rehearses a pedagogic aesthetic reading of the animation *The boy and the world* of Alê Abreu, his soundtrack *In the eyes of a child* of Emicida and the third transmutation of the spirit narrated in Nietzsche's *Zarathustra*. Genealogically we make use of what the hammer philosopher defends as interpretation, we observe in the boy of the film the child of Nietzsche, that is, innocence, new beginning, game, turns to turn by itself, first movement and sacred to say yes. From this interpretative movement we ask ourselves: What pedagogical possibilities open when we observe the world with the eyes of a child? Does an aesthetic education still find its place in our formative spaces? Encouraged by these provocations we set out to experiment together with other teachers of the city network of Balneário Camboriú another pedagogical proposal that fled from gregariousness and fixation. Traversed by the senses that the child's perspective has moved us, this work still reflects the human formation inserted in the existential becoming as a possibility to leave the common places and rehearse, or even to experiment, other languages, other methods, other approaches to open other perspectives.

Keywords: Child. Metaphor. Formation.

1. COMEÇAMOS

"É o novo tópico, meu bem..." (Emicida)

Na busca de outros caminhos formativos, este trabalho se propõem a ensaiar uma leitura estético pedagógica a partir do diálogo com três obras: 1) longa-metragem *O menino e o mundo*, de Alê Abreu; 2) a música aos olhos de uma criança, do rapper paulistano Emicida; e, 3) a metáfora da criança, descrita nas 'três transmutações do espírito' no *Zaratustra* de Nietzsche, as quais a exploramos como suporte de e para análise.

Em nossa análise não hierarquizamos conceitualmente o longa, a música e a obra filosófica, pois encaramos tanto o longa quanto a música como "suporte de análise" e não "objeto de análise", observamos na música e no longa a explicitação da metáfora da criança apresentada na obra filosófica.

Na esteira dos nossos cúmplices teóricos, compreendemos a figura simbólica da criança como a condição de possibilidade para olhar de forma nova o mundo. A figura da criança, ao não se inserir em uma perspectiva moral sobre a vida que a rodeia, liberta-se das amarras valorativas sociais, bem como em certa medida mantém e faz uso da originalidade criadora e da inocência primordial.

O que almejamos ao eleger a figura da criança enquanto símbolo de criação é demonstrar o vínculo necessário entre potência de vida, conhecimentos e práticas pedagógicas. Pois a criança é a possibilidade de desvencilharmos nossas ações dos valores já enraizados, da repetição das fórmulas prontas e da gravidade estática da tradição, assim ao não atribuirmos previamente valores aos elementos constituintes do mundo em que nos inserimos, abrimos a possibilidade de um agir inocente, amparado na espontaneidade e na criação.

Cada material elencado acima nos instigou ao conteúdo que escrevemos agora – não só pelo conteúdo de seu material, mas pelos efeitos que cada obra nos trouxe propiciou. A perspectiva da criança é o principal ponto de convergência entre as obras que utilizaremos em nossa análise.

O primeiro material a explorarmos será *O menino e o mundo*, este longa-metragem infantil e brasileiro foi criado e dirigido pelo cineasta paulistano Alê Abreu com produção da 'Filme de Papel'; O filme tem como umas das suas características marcantes a soma de diferentes¹ materiais artísticos na composição da animação 2D. Além desta característica, a animação de 80 minutos sem falas, narra através dos elementos de imagem e som a aventura do menino 'Cuca', que descobre o mundo após 'fugir' de sua aldeia em busca de seu pai.

A construção da linguagem do filme ganha mais coerência quando entendemos o propósito do diretor Alê Abreu, que segundo a entrevista fornecida à Fundação Bunge em 2014, na medida que ele constrói suas obras a partir de personagens infantis, ele também explora e desenvolve uma filosofia da infância, advinda das suas leituras de Hannah Arendt e Nietzsche.

Contudo, nos parece que a sinopse fornecida pela produção do filme não bastaria para justificar o tamanho da obra que estamos falando. Já que a poética do filme, está na perspectiva inscrita em toda a obra, que se utiliza do olhar de uma criança para (re)descobrir o mundo.

A música do rapper Emicida foi composta exclusivamente para ser trilha sonora do filme *O menino e o mundo*, intitulada aos olhos de uma criança a canção carrega em sua estilística

¹ Destacamos como diferencial a criação dos personagens e cenários através do material 'giz pastel seco' e 'colagens'

uma estrutura própria de diálogo que compreendemos como a explicitação deste olhar da criança que se depara com o mundo, mesmo diante da crueza existencial de um mundo pleno de contradições, o olhar estético da criança observa a sutileza da vida. Como podemos sentir ao ler as estrofes da música

“Selva de pedra, menino microscópico
O peito gela onde o bem é utópico
É o novo tópico, meu bem [...]
Morre a esperança
E tudo isso aos olhos de uma criança...” (EMICIDA, 2013)

Ao longo da composição do rap, nota-se que o autor ilustra a visão da criança subjetivamente nos trechos desconexos entre um substantivo e outro, que subliminarmente assinala as vivências imediatas e espontâneas do menino Cuca. Neste sentido, encontramos dentro da perspectiva que os autores (Alê Abreu e Emicida) concebem da criança para as suas composições uma associação com um estado de ser humano que é único, como discorre Pagni (2010, p. 66) “um estado de infans, isto é, de ausência de fala articulada colocando os em certa posição de abertura para aprender a novidade, para resolver os restos de sua memória e transformar a si mesmos”.

Como Pagni afirma, umas das maiores características desse período não está na preocupação da criança transpor seu pensamento em uma fala articulada, mas sim em uma abertura, que compreendemos como se colocar presente para e com o mundo.

É seguindo esta leitura estética e poética que o filme e a música trazem sobre ser criança, que fomos buscar nos escritos do filósofo do martelo – Nietzsche – uma concepção metafórica sobre ser criança, para compor nossa hipótese de “jogar o jogo dos criadores”. Compreendemos este jogo como o ato de olhar o mundo pelos olhos de uma criança e conceituamos o mesmo na verbificação do substantivo criança, nossa proposta, portanto é Criançar.

Ao estudarmos a obra “Assim falou Zaratustra” (1883-1885) encontramos uma narrativa rica em metáforas, símbolos e linguagens que nos instigou a pensar os processos formativos da/na vida. Para esta análise interessa-nos o capítulo “das três transmutações”, onde Nietzsche discorre sobre as metamorfoses pelas quais atravessa o espírito humano, atingindo seu ápice criativo na transmutação em criança. Elegemos, portanto, esta obra específica, onde o autor delinea o auge metafórico dos seus escritos, nos convidando a observar o mundo por uma perspectiva estética.

Neste íterim, ainda somos impelidos por meio dessas três obras a utilizar este recurso simbólico da criança para conceber um estado de espírito em constante movimento, sempre em construção, composto por memórias efêmeras e tempos distintos. Compreendemos que a arte não se esgota em um fim e muito menos possui intenções pragmáticas, porém tomamos a metáfora da criança no longa-metragem, na música e no simbolismo filosófico para refletirmos sobre formação.

2. PROSSEGUIMOS

“Leio vou, vô, e até esqueço quem sou...” (Emicida)

2.1 Criançar

Por que a figura simbólica da criança? Pensamos na esteira dos nos nossos autores artistas que a metáfora da criança se apresenta como este novo que constantemente se renova, sendo assim nos situamos longe das definições biológicas e cronológicas de criança. Nos voltamos para a etimologia do termo criança em latim *creare* o mesmo radical para criação e criatividade.

Confiantes na radicalidade criativa e sempre nova da criança, argumentamos que queremos CRIANÇAR, tornar verbo o substantivo, dissolver as substâncias e essências tornando-as ações. Criançaremos, portanto, para assim jogar o jogo dos criadores.

Iniciamos com Nietzsche

“Inocência é a criança, o esquecimento, novo começar, jogo que roda e gira sobre si mesma, primeiro movimento, santa afirmação. Na verdade, meus irmãos, para brincar o brinquedo dos criadores é necessário ser uma santa afirmação: o espírito quer agora a sua vontade; tendo perdido o mundo, quer ganhar para si o seu mundo. Três metamorfoses do espírito vos mencionei: de como o espírito se mudava em camelo, de camelo em leão, e o leão, finalmente, em criança”. (NIETZSCHE, 2011, P. 42)

Quando Nietzsche fala em “jogo que roda e gira sobre si mesma” remete diretamente ao Fragmento 52 de Heráclito que reza: “O Tempo é criança jogando, brincando. Reinado de criança”. Eis uma aproximação da figura da criança, o tempo, criança enquanto tempo, jogando e reinando. O tempo que não se limita ao simples transcorrer cronológico, o enfrentamento do império de Cronos (tempo) com o riso de Aion (instante). O Heráclito de Nietzsche contribui diretamente para criança, temos um primeiro elemento, o tempo, que se manifesta sem início e nem fim previamente determinado, o tempo do instante que se esgota em si mesmo como uma roda sobre seu próprio eixo, o tempo da ação que se efetiva enquanto ação, o jogo.

No longa metragem, Alê Abreu explora a ideia de abertura de sentido a partir da percepção da criança, demonstrando assim que a criança não se limita pelas nossas amarras valorativas, quando a criança interage com o mundo ela abre perspectivas e cria um mundo com um tempo e valor próprio, não é mais Cronos e sim Aíon se esgotando em si mesmo. O tempo da narrativa no longa-metragem não transcorre, mas se intensifica, fixa-se e se dissolve, corre e para. Não há tempo, mas, sim, o instante necessário e utilizado para a composição daquela narrativa específica, em algumas cenas o tempo languidamente fica em outras apressado o tempo voa, essa multiplicidade de tempos se apresenta quando criança, ousando olhar o mundo com os olhos de uma criança.

Emicida também contribui com a nossa ideia de tempo, ao cantar instantes, sobrepondo e atropelando substantivos, observamos neste jogo o desenho de uma linguagem plástica que transforma tudo em instante, criança:

“É fome, é fé, é os home, é medo
É fúria, é ser da noite, é segredo, é choro de boca calada
Saudades de pá, pai, quanto tempo faz, a esmo
Não é que esse mundo é grande mesmo” (EMICIDA, 2013)

“É fome, é fé” - a materialidade bate à porta, mesmo sem significar crianças também padecem do caos do mundo adulto, a fome não se torna lamento, mas remete a fé. Fé que se circunscreve nessa vontade que se manifesta sem os elementos materiais necessário para sua efetivação. “é os home, é medo” – criança não é viver um mundo idílico onde nada nos atinge

e brincamos de significar o mal enquanto bem, criança é também sentir medo quando a adultez nos assalta.

“É fúria, é ser da noite, é segredo, é choro de boca calada” – o mistério, o não-apreensível, manifesta-se, mas não se revela. Criança é saber que não há todo, pois o que temos são perspectivas e não almejamos abarcar o todo, assim como rapidamente querer dizer tudo é perder a magia do escondido, porém o tributo pago ao privilégio de não ser desvelado se manifesta como sofrimento.

“Saudades de pá, pai, quanto tempo faz, a esmo; Não é que esse mundo é grande mesmo” – a falta se manifesta. Criança também remete a ausências, porém estas ausências estão desprovidas de sentido, não há ausência por abandono, mas sim porque esse mundo é grande mesmo, o fato de sabermos que o mundo é grande não nos impede de sentir saudades e sentir saudade não implica que queremos presença, apenas manifestamos fugazmente o que sentimos no instante em que o mesmo se manifesta.

Retomamos a Nietzsche, “Inocência é a criança, o esquecimento, novo começar”; aqui observamos um contraponto do criança ao adultez, pois ao abrirmos outras perspectivas para ver o mundo, dissolvemos as concepções de certo e errado, de bem e mal, por isso somos inocentes e ao esquecer podemos sempre recomeçar.

A inocência implica em recusar a lógica e as demonstrações cabais e “verdadeiras” do mundo adulto, é um filiar-se a intuição, fugindo das estratégias de permanência, segurança e preservação, nos ocupamos com o agora, o instante, sem perguntar a finalidade da ação, pois o instante esgota-se em si mesmo.

Em “O menino e o mundo” a inocência é o móbil da ação, a inocência permite o agir criando múltiplas perspectivas, assim o personagem cria mundos dentro de mundos, não se limitando a “uma realidade”, o esquecimento deflagra continuamente novos agires e olhares. O menino realiza e espalha esquecimentos, pois as perspectivas criadas duram o tempo necessário ao seu esgotamento, sendo assim independente da perspectiva, tanto faz se configurar como carências, oníricas, bucólicas, extasiadas, medos, etc., elas não permanecem e uma não suscita a outra, a casualidade também foi esquecida, por isso o criança é um permanente começar.

Emicida em seu jogo de substantivos também exercita o esquecer, pois se faz necessário deixar que cada substantivo apareça, crie significações, se realize e se dissolva, movimento inocente, sem intencionalidades, apenas intensidade:

“É direção afeta, é solidão, é nada (é nada)
É certo, é coração, é causa, é danação, é sonho, é ilusão
É mão na contra mão, é mancada” (Ibidem, 2013)

Podemos ensaiar múltiplas interpretações sobre a música e até mesmo observar continuidades entre suas frases, porém o criança nos impele e ver blocos significativos, percorrendo suas permanências sem criar ligações que solidificam os sentidos, por isso observamos que “É direção afeta, é solidão, é nada (é nada)” caminhos que nos isolam e distanciam, afetam, nos levando ao encontro de nós mesmo, porém a inocência da ação permanece, pois não é bom e nem ruim é apenas nada, este bloco significativo se dissipa e temos “É certo, é coração, é causa, é danação, é sonho, é ilusão” algumas questões se repetem e queremos exercitar o conhecimento, sendo assim observamos que inegavelmente sentimos, somos afetados, não a racionalidade adulta, mas sim o coração, o sentimento da criança principia

tudo. Os efeitos podem ser ruins, podem ser oníricos, podem ser fugazes, porém não negamos que sentimos, apenas sentimos inocentemente para novamente recomeçar “É mão na contramão, é mancada” agindo em direções contrárias e contraditórias, por mais que nos acusem, não ignoramos o equívoco, apenas não nos importamos com o mesmo, pois esquecemos.

Tempo, esquecimento, inocência, jogo, começar, palavras velhas, agora revestidas de significados dissolvidos, os blocos significativos se acumulam, mas prosseguimos criando...

2.2 Linguagem e criação

Quando criamos jogamos, mas também brincamos, jogar e brincar se encerram no mesmo universo do criar, porém há sutilezas que percorrem cada uma pois não queremos apenas brincar, mas, como sugere Nietzsche na “Filosofia no tempo trágico dos gregos” o artista e a criança brincam, não apenas brincam, mas brincam como o fogo construindo e destruindo incessantemente, brincam como o instante que brinca consigo mesmo.

Somos tentados observar este brincar artisticamente como brincar com a linguagem, não levar a linguagem a sério e assim desbatizar as palavras, assim como o fogo colocamos as palavras sobre o poder destruidor da abertura de significados, as palavras se dissolvem e assim como o fogo criam novas significações.

A linguagem para o filósofo do martelo deve ser ferramenta de criação e desestruturação da vida, instrumento do criar, posicionando-se longe da consolidação dos significados do mundo adulto. Somos desafiados a ver as palavras sem os significados prévios que as obstrui, impedindo as mesmas de fluir.

Segundo a leitura estética sobre o filme O menino e o mundo, nos parece que Alê Abreu aceitou o desafio proposto por Nietzsche e não usou a linguagem conceitual em seu longa - não usou falas, nem descrições a partir de palavras – as linguagens se multiplicam no longametrage. Os movimentos se apresentam enquanto linguagem e dialogam entre si, pois temos o movimento do personagem, do mundo em que o personagem se insere e do mundo que o personagem cria, três movimentos e todos dialogando entre si e uns com os outros.

A sonoplastia do filme é linguagem por excelência, mesclando música, ruídos, instrumentos, barulhos da natureza, barulhos da cidade e silêncios, este profícuo diálogo cria e recria significações, assim como o fogo o diálogo baila, extinguindo e criando.

As cores formam um diálogo a parte, nada discreto, gritando aos nossos olhos, apontando, comunicando, escondendo e ratificando, ouvir as cores é uma vivência que rompe com a adultez e se aproxima do criar, as cores possuem uma mensagem enfática, nada permanece e a beleza da vida consiste em fluir.

A mescla de linguagens cria novas linguagens. Cores e movimentos falam outro idioma e não o idioma isolado das cores e dos movimentos, quando esses se juntam com a fala da sonoplastia, temos o grande burburinho do longa-metrage que nos exorta a criar.

Emicida em consonância com o longa-metrage ensaia múltiplas linguagens, não apenas o ritmo e a poesia falam em sua composição, mas também os ecos das palavras ribombando no ritmo da batida, bem como as vozes dos back vocals mesclando as significações. Tudo isso contribui para que os blocos de significantes ao se inter-relacionarem e dissolverem-se, nos

apresentem uma outra linguagem, nova, criadora que possui a capacidade renovar a si mesma, a linguagem criada pelo criança.

A repetição constante da batida acompanhada do mote: “Menino, mundo, mundo, menino / Menino, mundo, mundo, menino / Menino, mundo, mundo, menino / Menino, mundo, mundo, menino” faz bailar os significados, as fronteiras entre os significados desvanecem e ficamos sem saber se existem dois substantivos - um menino e um mundo -; ou seria apenas um substantivo dual? - um mundo jovem, um mundo denominado menino; ou talvez uma criança que se manifesta enquanto mundo um menino mundo. As perspectivas abundam.

Ainda nesse ínterim de romper as significações o músico mescla as pessoas do discurso, ora temos a terceira pessoa do singular (ele), ora temos a primeira pessoa do singular (eu), ora é a criança, ora é o narrador; ora lamenta, angústia e denúncia, ora elogia, afirma e sorri.

Uma linguagem para desbatizar o mundo, uma linguagem movente, para enfrentar os valores já postos, criar novos nomes, linguagem extra moral:

Leio vou, vò, e até esqueço quem sou, sou
Calçada, barracos e o bonde
A voz ecoa sós mas ninguém responde
(EMICIDA, 2014)

A identidade não se fixa, eu esqueço quem eu sou para experimentar outras falas, improvisar outros discursos, o eu está fixo no seu passado, outras linguagens esquecem o passado para fugazmente viver de forma intensa o presente, os substantivos são empilhados para assim rirmos das suas substâncias, a cena é pintada, temos o chão, o lar e o transporte, todos intercambiáveis, pois eu moro no transporte, me locomovo com o chão e passeio pelo lar; outras experiências e significações, no final o responder não é o pressuposto da linguagem, mas o manifestar. A linguagem basta em si mesma, pois ela nem sempre encontra ressonância.

Outros valores, outras linguagens, outras experiências, para potencializar isso tudo necessitamos de outras formações...

2.3 Formação

Como realizar um processo formativo para o criança? A vida, o mundo a sociedade tudo nos leva a nos tornarmos adultos, socialmente urge que rapidamente esqueçamos a criança e adultemos, úteis para a sociedade, formados para continuar o mundo, o novo tornou-se velho.

Quando pensamos uma formação para criança, almejamos um processo tal qual Nietzsche descreve no aforismo 455 de Aurora:

A primeira natureza. — Tal como agora nos educam, adquirimos primeiro uma segunda natureza: e a temos quando o mundo nos considera maduros, maiores de idade, utilizáveis. Alguns poucos são cobras o bastante para um dia desfazer-se dessa pele: quando, sob seu invólucro, sua primeira natureza tornou-se madura. Na maioria, o gérmen dela ressecou. (NIETZCHE, 2008, p. 222)

Pensamos o criança na esteira de uma primeira natureza tornada madura, temos clareza do processo civilizatório e educacional que nos “humaniza” nos impregnando uma segunda

natureza, passível de ser usada socialmente, carta de boas-vindas a sociedade, salvo conduto da gregariedade, porém estes poucos configurados como serpentes, vilipendiados, menosprezados, que se adultizam preservando a criança da primeira natureza, velando pela mesma como uma possibilidade de pele, estes estão criando.

A segunda pele nos é imposta dia a dia, instante a instante, momento a momento, nenhum espaço escapa deste invólucro que teima em se apresentar como nossa identidade, constituinte do mais íntimos da nossa existência, alguns chegam ao cúmulo de nominar essa segunda pele de “essência”.

Livrar-se dos valores tão bem construídos e tantas vezes repetidos, implica em um dispêndio de energia que apenas uma primeira pele já madura consegue realizar, este criar é processo, é esquecimento, é inocência. No enfrentamento dessa segunda pele para enfim portar orgulhosamente a pele que possuíamos, mas que agora foi maturada pela segunda pele, fazemos uso da linguagem e assim dissolvemos as palavras que fixam a pele em nosso corpo: moral, valores, reponsabilidade, consciência, etc., não é uma recusa a estes termos tão caros a nossa segunda pele, mas sim um dissolver e ressignificar os mesmos.

Alê Abreu explora uma formação outra, exemplificando uma resistência a adulez, retratando a preservação de uma primeira formação. O entrecchoque do mundo dos adultos com as significações da criança. A tepidez dos valores e significações da criança, diante da força imperiosa da condição social e material do adulto.

Porém, não há dualidade, a simplicidade da contraposição não encontra aqui seu espaço, bem e mal foram destituídos dos seus lugares de determinantes valorativos e agora se apresentam como intensidades. Sendo assim não há conflito entre dois mundos e dois valores, o que temos são intensidades que se sobrepõe, tensões que convivem em um mesmo ambiente e momento, o que se apresenta é a vida enquanto devir existencial.

Os entrecchoques não são tentativas de simples assimilação, mas estranhamentos e conflitos necessários e constituintes disso que denominamos processo formativo, a criança não pode deixar de ressignificar e tornar novo o velho; o adulto não pode deixar de intentar assimilar a criança, tornando velho este novo e seu potencial destruidor.

O que nos resta? O espetáculo da formação trágica, o dizer sim ao que nos compõe, sem juízos morais previamente estabelecidos, sem escolhas que fogem dos instantes vividos e intentam direcionar a experiência.

Dizemos sim e assistimos o jogo de complementariedades entre as formações, enxergando linhas de fuga que possibilitam ações possíveis ao mesmo tempo em que nos deparamos com estruturas estáticas que impedem toda ação.

A linguagem fílmica exemplifica magicamente este conflito, pois a chuva e inundação se transmutam em mar, a carroça em barco, a aventura está dada e assim navegamos em nossas misérias rindo do destino assombroso que intenta nos assimilar.

Sim, a vida é absurda por definição e as mazelas teimam em se apresentar de forma peremptória, a música de Emericida explicita essa questão enfaticamente, porém, quais são os espaços de resistência? Onde se encontra nossa resistência? Em que momento a adulez impôs sua visão que resistir é enfrentar os deuses? Resistir enquanto adulto é esperança de mudança radical, revolução, destituição dos opressores, vitória dos oprimidos, o criar ri disto tudo, fica a questão? Como o criar resiste?

Gente, carro, vento, arma, roupa, poste

Aos olhos de uma criança
Quente, barro, tempo, carma, roupa, nós
Aos olhos de uma criança
Mente, sarro, alento, calma, moça, sorte
Aos olhos de uma criança
Sente o pigarro, atento, alma, louça, morte
Aos olhos de uma criança

A resistência ocorre em linhas de fuga, espaços e momentos que se apresentam no fluxo do dever, pois ao contrário do que diz o adulto a vida não transcorre em momentos estanques – passado, presente e futuro – a vida é fluxo e os instantes se atropelam e neste atropelar criam rachaduras nas construções monolíticas adultas, estas rachaduras são aberturas para nossa resistência criançante.

Formar-se para maturar a primeira pele e despertar o criança é resistir. Resistência de momentos, instantes de resistência, minando pouco a pouco a forma na qual nos formamos. Criar valores a partir da fragmentação dos valores do adulto, eis uma ação formativa de resistência subterrânea, subverter palavras neste subverter o mundo.

“Gente, carro, vento, arma, roupa, poste” materialidade estanque, imperiosa e limitadora, porém como fica isso tudo “Aos olhos de uma criança”? Há linhas de fuga neste real tão frio e insólito? Tragicamente dizemos que sim, pois neste recorte de real estanque há humanos, gente, quicá dispostos a criança, a transformar a fixidez em movimento.

“Quente, barro, tempo, carma, roupa, nós” novamente as condições se apresentam adversas, resignificamos então “Aos olhos de uma criança”: Criançando nos reconciliamos com o clima, o tempo, a natureza, não estamos mais no mundo, somos a mundaneidade personificada. A irrevogabilidade do destino está disposta no tempo que nós abrimos com o instante, por mais que a vestimenta de uma formação nos envolva, no final ainda somos nós que estamos vestidos e assim configuramos nossa resistência, afirmando presença diante de tudo o que se fixa.

Formamo-nos observando o que nos constitui e dizendo que sim, somos constituídos, porém não determinados e em última instância há algo no qual essa segunda pele se fixa, longe de essência, eu, indivíduo e outros termos adultos, falamos de uma intensificação vital que é revestida para assim conter seu ímpeto transfigurador.

“Mente, sarro, alento, calma, moça, sorte” sabemos que nossas significações soam ridículas a ouvidos que teimam a ouvir discursos únicos, “Aos olhos de uma criança” não temos pressa de significar e fazemos uso dos instantes que se abrem, sem medo de chamar isso de bom destino, sorte.

“Sente o pigarro, atento, alma, louça, morte” tudo termina, se finda, nada permanece, e “Aos olhos de uma criança” o fim é uma etapa necessária e não o resultado da ação, apenas não agimos visualizando o término, nos formamos com o horizonte do fim, sempre a aproximar-se, mas o fim não é o objetivo, o instante sim.

2.3 Uma experiência de criança

Ler o mundo através dos olhos de uma criança nos incita algumas interrogações que nos move a pensar: que possibilidades pedagógicas se abrem ao observamos o mundo com o olhar de uma criança?

Em 2016, o Instituto Federal Catarinense (IFC) nos convidou para ministrar uma oficina para o curso de formação continuada dos professores do município de Camboriú. Neste espaço formativo, buscamos realizar um exercício estético pedagógico movidos pela ideia de criança.

Concebemos esse espaço formativo como um momento para o exercício da formação humana inserida no devir existencial. Na qual buscamos sair dos lugares comuns e ensaiamos, ou, até mesmo experimentamos, outras linguagens, outros métodos, outras aproximações, abrindo outras perspectivas. Movidos por esse objetivo, dividimos a oficina em três instantes:

No primeiro momento, apresentamos os principais elementos que comporiam a estrutura da nossa oficina. Em seguida, realizamos a exibição do longa-metragem *O menino e o mundo*. Após este momento, realizamos uma roda de diálogo, onde discutimos a leitura que a criança faz sobre o mundo, a perspectiva da criança explorada pelo cineasta. Buscamos explicitar as especificidades do olhar da criança, que, na nossa compreensão, estetiza o mundo.

Ancorado por nossas vivências artística no teatro e amparados pelas contribuições teóricas do dramaturgo e diretor de teatro Augusto Boal (2015), trouxemos para a oficina o jogo teatral. Dentro da proposta pedagógica que estávamos buscando explorar, elencamos uma série de jogos e exercício que, em seu âmago, explorasse o rompimento do corpo rígido (formatado). Sendo assim, propusemos atividades que concebesse o exercício como “(...) uma reflexão física sobre si mesmo. Um monólogo uma introversão” (BOAL, 2015, p.97) e, entendemos que “os jogos, em contrapartida, tratam da expressividade dos corpos como emissores e receptores de mensagem. Os jogos são diálogos, eles exigem um interlocutor, eles são extroversão” (Ibidem). Inspirados na diferença das atividades de exercício e das atividades de jogo, buscamos através do movimento e encontro dos corpos desconstruir os constructos enraizados em nossos corpos ao longo da vida.

Os jogos e exercícios teatrais foram o caminho que traçamos para restabelecer as relações entre o corpo e as significações. Àquelas significações que cotidianamente despercebemos e que, ao longo do nosso processo de socialização, sofrem a atrofia da rotina.

As primeiras atividades propostas buscaram estabelecer um exercício que possibilitasse o maior contato entre os participantes. Nesse sentido, exploramos desconstruir o sentido do corpo rígido através do jogo coletivo ‘Imagens de Transição’, no qual os participantes – agora não mais professores e, sim, atores – deveriam esculpir através do seu corpo e do corpo do outro, paisagens e vivências próprias das suas lembranças sobre a infância.

Assim como o filme, as atividades teatrais serviram-nos de suporte para explorar outras linguagens – foi através do silêncio, da escuta, dos ruídos e do corpo que iniciamos um diálogo. O qual não exigia formas, mas, sim, a negociação de novos significados através da construção de uma nova linguagem estabelecida consigo e com o outro.

Aproveitamos a extroversão dos jogos teatrais para iniciarmos o terceiro momento da nossa oficina – as memórias de infância. Este momento teve como foco despertar as significações do passado. Para isso, desenvolvemos um exercício literário. No qual, os participantes deveriam escrever em um minuto uma memória sobre um tema que havia sido proposto – assunto este que se relacionava com o objeto central da nossa oficina – o ser criança, *criança*.

Foi por meio da escrita, que os cursistas trouxeram memórias de suas infâncias. Através de uma frase ou palavra solta a atividade buscou materializar na memória a experiência de viver o mundo na perspectiva de uma criança.

No intuito de tecer um fio condutor que pudesse finalizar nossa oficina e, ao mesmo tempo, significar os pontos que foram explorados durante aquele dia, os participantes sugeriram a socialização do material através da construção de uma narrativa literária que transformou os registros em um material que fosse único daquele grupo. A sugestão dada por eles originou um portfólio do grupo. Na medida em que esse material foi resultado do resgate de sentidos individuais sobre suas infâncias, os participantes buscaram estabelecer entre suas memórias, uma narrativa que pudesse dar significado àquela experiência.

Conceber a práxis do conceito de criança - no ato de criar - bem como a formação, linguagem e estética nos instigou a pensar em práticas pedagógicas que fugissem das estruturas fixas do pensamento, da fala e, sobretudo, do olhar. Nesse sentido, a oficina se propôs a ser o espaço formativo para o exercício do observar - guiado por aquela criança que enxerga ressignificando o mundo.

Nesse curto espaço de tempo, os sujeitos envolvidos nas atividades da oficina puderam brincar com as significações, com o corpo, a linguagem e a memória. Talvez, já não possamos alcançar a perspectiva da criança, mas pudemos dialogar com as experiências da infância e, para além do debate, nós propusemos o experimentar, ainda que fugazmente, do estado de criança.

3. ENCERRAMOS

“E tudo isso aos olhos de uma criança...” (Emicida)

Ao explorarmos essas três obras, reconhecemos nelas a sua potencialidade filosófica, sobretudo, por se ancorarem em uma linguagem estética que privilegia o olhar da criança. E, apesar do reconhecimento desses artistas e suas obras não ocuparem centralidade nos nossos espaços formativos, o sentimento que fora movido da união dessas perspectivas suscitou reflexões e práticas filosóficas e pedagógicas sobre a infância.

Inspirados pelas diferentes linguagens que exploramos neste texto, reconcebemos a palavra ‘criança’ para transformá-la em verbo intransitivo - criar; cujo objetivo fora buscar uma outra perspectiva e construir condições para novamente pensar a formação.

Suspeitamos que abrir-se para este novo que denominamos criança, compreendendo a criança como este inesgotável primeiro movimento que nunca estabiliza, mas permanece sempre novo; se criarmos espaços para vivenciar essa potência, talvez, possamos desconstruir este projeto de humano (uno) e descobrir novas subjetividades e formações para melhor conviver com o adulto que nos tornamos e quiçá renovar (de forma imprevisível) nossas perspectivas sobre o mundo.

Nos tempos atuais, ainda observamos nossos espaços formativos embrutecidos por uma rápida filiação a verdades, soluções, métodos e tantos outros caminhos previamente trilhados. Dessa forma, raramente nos deparamos com a experimentação e a potência que a criança carrega enquanto novo no mundo.

Entendemos certamente que a educação, a formação e a pedagogia possuem em seu horizonte propostas de adequação, assimilação e de herança do mundo já vivido. Porém, ao

Revista Eletrônica de Ciências da Educação, Campo Largo, v. 17, n. 1, jun. de 2018.

trilhar esses caminhos, nos deparamos com linhas de fuga, margens de manobra e condições de possibilidade que permitem a criação. Criar não é uma atividade sedutora, pois, para isso, precisamos aceitar o risco de não trilhar caminhos previamente definidos.

Sendo assim, apesar do pouco espaço que a criação ocupa em nossas práticas, nos desafiamos a criar e, como o menino Cuca, permitir que a vida nos atravessasse e enxergar cada instante como novo, bem como na música de Emicida. Intentamos não sobrepor os instantes, mas observar o fluxo da existência para bem se colocar neste mover. Jamais esquecendo que a criança, diante de nós, alvo dos nossos processos pedagógicos, viverá aquele instante apenas naquele momento. Portanto, não desperdicemos este momento imaginando como ele deveria ser, mas fazendo dele algo único. Por fim, ainda nos resta a pergunta: estamos abertos a este desafio?

REFERÊNCIAS

- BOAL, Augusto. **Jogo para atores e não atores**. Tradução: Bárbara Wagner Mastrobouno. São Paulo: Cosac Naify. 2015. p.416.
- EMICIDA. **Aos olhos de uma criança**. São Paulo: Laboratório Fantasma. 2013.
- LARROSA, Jorge. **Nietzsche & a Educação**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica. 2009. p120.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Assim falava Zaratustra**: um livro para todos e para ninguém. Tradução de Mario Ferreira dos Santos. Petrópolis-RJ: Vozes. 2011.
- _____, Friedrich Wilhelm. **Aurora**: reflexões sobre os preconceitos morais. Tradução de Mário D. Ferreira Santos. Petrópolis-RJ: Vozes. 2008.
- O MENINO e o mundo**. Direção: Alê Abreu. Produção: Filme de Papel. BRASIL, 2013. 83 min.
- PAGNI, Pedro Angelo. Um ensaio sobre a experiência, a infância do pensamento e a ética do cuidado: pensar a diferença e alteridade na práxis educativa. In: Kohan, Walter Omar (org.). **Devir-criança da filosofia**: infância da educação. Belo Horizonte: Autêntica. 2010.